

Economia - Brasil “Sem a reforma fiscal, um abraço”, diz Barros

FERNANDO THOMPSON

O secretário de Política Econômica, José Roberto Mendonça de Barros, bem que tentou ser otimista na palestra que fez ontem, durante almoço com um grupo de 22 empresários, no Hotel Méridien. Mas na hora de falar sobre o ajuste fiscal, o secretário acabou afirmando que esse será um dos desafios do governo no ano que vem. “Sem a reforma fiscal, um abraço”, resumiu Mendonça de Barros.

Em sua análise da economia, Mendonça de Barros disse que 1996 também será um ano tenso e cheio de crises. “Todo plano de estabilização tem como característica a mudança de eixo do poder. No nosso caso, a classe média foi a mais atingida e perdeu renda para a classe mais pobre”.

O secretário foi enfático ao dizer que acabou a fase de encantamento, na qual as pessoas saíram comprando e se endividando. O ano que vem terá como característica um menor crescimento da economia, em torno dos 4%.

Perguntas — Um empresário quis saber se a decisão do Tribunal Superior do Trabalho (TST), que concedeu uma reposição salarial de 25% para os funcionários do Banco do Brasil (BB), poderá prejudicar o Plano Real. Mendonça de Barros disse que por enquanto a decisão só provoca um abalo nas contas do governo.

Mas se a reposição das perdas com a inflação for dada a outras categorias de funcionários públicos, como os empregados dos Correios, isso poderá causar danos ao plano, admitiu Mendonça de Bar-

ros, que em seguida fez um elogio aos empresários, por já terem aprendido a viver sem a indexação.

Para enfrentar o desafio de pôr as contas públicas em ordem, o governo jogará duro na negociação de aumentos com os funcionários públicos, revelou o secretário.

“Vamos procurar não dar aumento real”, disse. Mendonça de Barros prometeu que o governo conterà os gastos em 1996. As estatais terão um desempenho melhor, já que as tarifas foram reajustadas no mês passado.

O economista também disse aos empresários que a inflação do próximo ano deverá ficar em torno de 16% e que haverá um superávit comercial entre R\$ 3 bilhões e R\$ 4 bilhões.

Privatização — Ao dar res-

posta a uma pergunta sobre o programa de privatização, Mendonça de Barros disse que o processo está andando devagar porque o governo teve que refazer todo o programa. “O Eduardo Modiano fez um ótimo modelo para vender empresas produtivas. Nós estamos tendo que fazer um novo programa de privatização para vender empresas prestadoras de serviços. Pode parecer que estamos parados, mas muita coisa importante está sendo feita sem que vocês vejam”, disse.

☐ O presidente do Banco Central, Gustavo Loyola, confirmou ontem em Belo Horizonte a intenção do governo de baixar um pacote para facilitar o crédito a pequenas e médias empresas, usando parte dos depósitos compulsórios dos bancos.